



ISSN 1981-867X

Acervo On-line de Mídia Regional

A midiatização da ciência em jornais paraibanos: ufanismo e panacéia

Mediatization of science in Paraíba state newspapers:
exultation and panacea

Jocélio de Oliveira¹, Cidoval Morais de Sousa²

RESUMO

A proposta deste trabalho é apresentar os resultados de uma investigação que teve como foco a midiatização da Ciência e da Tecnologia em jornais do Estado da Paraíba. Buscou-se, de um lado, um levantamento da ocorrência de unidades noticiosas sobre C&T, classificando-as por temas, gênero, autoria, foco, fontes, lugar de origem; e, de outro, uma análise crítica dos conteúdos. Observou-se, como tendência, uma forte ênfase das matérias para os resultados das pesquisas em detrimento dos processos de investigação; uma percepção ufanista e panacéia da ciência; e a ausência de interação com o público.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia impressa regional; comunicação pública da ciência; público.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present the results of an investigation that has focused on the mediatization of Science and Technology in newspapers of the State of Paraíba. On one hand, we managed to survey the occurrence of S & T news, classifying them on subject, genre, authorship, focus, sources, place of origin; on the other hand, a critical analysis of content was performed. It was observed a strong emphasis on news about the results of research regardless of the processes of research. A panacean and rejoicing understanding of science, besides the absence of interaction with the public were also observed.

KEY-WORDS: Regional press media; public communication of science; public.

¹ Graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista CNPq. Projeto "A Ciência na mídia impressa paraibana". E-mail: oilecoj@gmail.com

² Professor-Pesquisador do Departamento de Comunicação Social e do Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: cidoval@gmail.com

INTRODUÇÃO

As mídias estão entre os principais canais de comunicação do conhecimento tecno-científico na atualidade. Os discursos e representações elaboradas sobre a ciência, por meio de sua midiaticização, são fundamentais para sua compreensão pelo público leigo³. Tais informações apreendidas através dos meios de comunicação são responsáveis pela complementação de sua educação básica, quando não representam seu único meio de contato com o desenvolvimento científico e tecnológico.

Uma pesquisa sobre percepção pública da ciência, realizada em 2006, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT)⁴, revela que o interesse dos brasileiros por Ciência e Tecnologia é de 41%, contra 58% sobre Meio Ambiente e 60% sobre Medicina e Saúde. Contudo, esse interesse diminui na mesma proporção em que diminui o nível de escolaridade e a classe social. O restante da população justifica o seu desinteresse da seguinte forma: 37% não entende, 9% não liga e 7% não precisa saber sobre o assunto.

Na seqüência, o trabalho revela que 56% da população “nunca” lê sobre ciência e tecnologia nos jornais e que apenas 12% o faz com freqüência. Contudo, 52% acredita que a maioria das pessoas pode entender o conhecimento científico se ele for bem explicado. E 63% defende que a população deve ser ouvida nas grandes decisões sobre o rumo da ciência e tecnologia, ao passo que 68% deseja que os cientistas exponham os riscos do desenvolvimento científico.

Em 1987, foi entregue ao MCT/CNPq/MAST⁵ uma pesquisa semelhante⁶, realizada pelo Instituto Galup de Opinião Pública, constatando que 71% da população brasileira demonstrava algum tipo de interesse por C&T. Destes, 31% afirmava muito interesse.

O trabalho apresentou outro aspecto semelhante à pesquisa atual: o nível de interesse variava de acordo com a escolaridade. Tal aspecto também variava de acordo com a situação sócio-econômica, quadro que permanece até hoje. A manutenção desses quadros demonstra que ainda há muito caminho

³ Entendemos como “público leigo” a audiência não especializada. A quem se destina, nesse caso específico, a produção da mídia que dedica atenção a comunicação da ciência.

⁴ Pesquisa realizada pelo Departamento de Popularização e Difusão da C&T, da Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social, em novembro e dezembro de 2006. Mais informações estão disponíveis em: www.mct.gov.br/index.php/content/view/50875.

⁵ Na seqüência: Ministério da Ciência e Tecnologia; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; e Museu de Astronomia e Ciências Afins.

⁶ Referimo-nos à pesquisa intitulada “O que o brasileiro pensa da ciência e da tecnologia? (Imagem da Ciência e da Tecnologia junto à população urbana brasileira) – 1987”, disponível em http://www.mct.gov.br/upd_blob/0013/13457.pdf.

a percorrer no sentido de aproximar a ciência da sociedade. O jornal impresso pode ser uma das ferramentas nesse sentido.

Adotamos, aqui, a compreensão do jornalismo científico como uma estratégia de comunicação pública da ciência, que, por isso, tem o compromisso de ouvir e acolher as demandas da sociedade, num processo dialógico. Busca-se proporcionar o pleno exercício da cidadania e dos direitos do cidadão. Nesse sentido, o jornalista de ciência deve se preocupar em:

Além de fatos, acontecimentos, descobertas, invenções, deve saber contar, explicar, contextualizar as hipóteses, as teorias, os debates, as dúvidas. Junto com dados, noções, termos, deve saber lidar com estórias e personagens, e com a história, a filosofia, a sociologia das ciências. Deve saber mostrar, indagar e comentar não só as idéias científicas, mas também os métodos e os processos da ciência. E, além disso, o jornalista científico não pode abrir mão de sua responsabilidade. Seu papel, como o de qualquer jornalista (Kovach e Rosenstiel, 2003), não é apenas entreter, nem apenas informar, nem, ainda, educar. Sua missão é também a de *watchdog*: um “cão de guarda da sociedade” capaz de latir para denunciar práticas incorretas e abusos, para “catalisar” um debate informado e são sobre questões éticas levantadas por práticas científicas ou por aplicações tecnológicas, para colocar nas pautas de debate público potenciais desencadeamentos suspeitos ou ameaçadores no sistema de C&T ou em suas ligações com o sistema político, o aparato militar ou o mercado (CASTELFRANCHI, 2007, p. 11-12).

Comunicar a ciência, nessa perspectiva, não é apenas dar publicidade, traduzir, reconstruir discursos, projetar o conhecimento, mas é, principalmente, sinalizar possibilidades de redução do fosso que existe entre os que conhecem, produzem conhecimento, e os que não produzem e nem têm acesso (VESSURI, 2002).

O nosso objetivo, neste trabalho, é analisar a presença de Unidades Noticiosas⁷ sobre temas relacionados a Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente, veiculadas em três jornais do Estado da Paraíba: *A União*, *Diário da Borborema* e *Jornal da Paraíba*, no mês de outubro do ano de 2006.

⁷ Denominamos Unidades Noticiosas (UNs) todas as manifestações e gêneros jornalísticos empregados na comunicação da ciência nos meios analisados. Nesse sentido, o termo identifica artigos, colunas, notas, notícias, reportagem, entrevistas e comentários encontrados.

A escolha do mês se deu em virtude da realização da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, organizada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. Nesse sentido, também foi objetivo nosso perceber e analisar se o evento serviu para estimular a atenção sobre a ciência como pauta jornalística. Na escolha do *corpus*, também foi levado em consideração o acervo mais recente no arquivo dos jornais.

A ênfase do nosso trabalho recai em compreender o comportamento da mídia impressa da Paraíba e a atenção dispensada aos conteúdos de C&T. Para tanto, os dados coletados foram tratados e categorizados a partir de seis eixos de análise: construção de um mapa temático, e outro com a localização física das UNs nos jornais. Além da identificação dos temas, autores, gêneros jornalísticos empregados, fontes consultadas, foco das unidades e lugar de origem.

Para realização deste trabalho, também fizemos uso da análise de conteúdo, aqui entendida como “análise descritiva, apresentada de maneira autônoma, separada da análise qualitativa” (MEDEIROS, 1996), e ainda compreendendo que “a descrição faz a ponte entre a fase de observação dos dados e a fase de interpretação e, por isso, combina igualmente em suas operações técnicas e métodos de análise” (LOPES *apud* MEDEIROS, 1996).

De maneira geral, trabalhamos com a caracterização de jornalismo científico como a utilização de técnicas e mecanismos do jornalismo, pelo jornalista, para divulgar assuntos relativos à ciência, tecnologia e meio ambiente. Já a divulgação científica foi compreendida como divulgação dos mesmos assuntos por especialistas, seja na forma de artigos, reportagem ou notícias.

ASPECTOS TEÓRICOS

A influência exercida pela ciência e tecnologia no nosso cotidiano exige cada vez mais a compreensão de sua dinâmica de produção, seus riscos e benefícios, compromissos e interesses. Relacionamos-nos, com elas, de diversas formas. Podemos ser vítimas, pacientes, usuários, seja através de mísseis teleguiados, remédios ou celulares e computadores. As perspectivas futuras seguem o aprofundamento deste mesmo paradigma, incluindo-se nestes dois contextos, o agravamento dos problemas ambientais.

A mídia agenda diariamente discussões sobre aquecimento global, alimentos transgênicos, células-troncos, vacinas. Daí deriva temas como ética em pesquisa e o ritmo desses debates nem sempre são acompanhados e amplamente compreendidos pelo público leigo. Os meios de comunicação não têm a obrigação primeira de educar para as ciências. Mas, em nosso

ponto de vista, cabe-lhe cumprir um papel social e público que interfere diretamente na vida das pessoas.

Entendemos que todo “conhecimento é autoconhecimento” e que “todo conhecimento é local e total” (SANTOS, 1988). Tais apontamentos sugerem a compreensão da nossa prática e o entendimento do mundo, ponto a partir do qual é possível sugerir e propor mudanças.

Nosso trabalho se filia aos estudos baseados no modelo de participação pública da ciência que, tal como exposto por Fares, Navas e Marandino (2007), sugere a focalização em assuntos políticos que envolvam ciência e tecnologia, apoiada nos ideais democráticos de participação popular. Para isso, constrói mecanismo para estimular a atuação dos cidadãos nos processos, de forma que eles tenham autoridade real, a partir do conhecimento, sobre as políticas e recursos tecno-científicos.

Este modelo considera a audiência como co-protagonista, detentor de conhecimento e habilidades que lhe permitem interagir, e escolher sobre o que lhe interessa ser informado. E na caminhada paulatina deste processo, torna-se cada vez mais capaz de discutir, opinar e criticar sobre o conteúdo que recebe e suas manifestações na sociedade.

Tais processos acontecem em várias direções favorecendo o diálogo entre comunicadores, cientistas e público leigo sobre os aspectos sociais da Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente e perceber que a biodiversidade está ligada a sócio-diversidade.

RESULTADOS

Nossa pesquisa catalogou 347 unidades noticiosas, distribuídas da seguinte forma: 128 no *Diário da Borborema*; 50 em *A União*; e 169 no *Jornal da Paraíba*. Com relação ao tipo de UN, identificamos entrevista, editorial, comentário, notícia, coluna, notas, e reportagem, além de artigos – sejam eles de divulgação científica (e, por isso mesmo de natureza essencialmente não jornalística) ou de opinião e de relatos de experiência encontrados nas áreas reservadas aos leitores.

PERFIL DOS JORNAIS

A União (AU): fundado em 1893, é o terceiro jornal mais antigo em circulação no Brasil. Jornal oficial do estado tem edições conjuntas para sábados e domingos e feriados. Apresenta seções (editoriais) cambiantes: de acordo com a demanda de notícias na área a página recebe um “cabeçalho temático”.

Diário da Borborema (DB): fundado por Assis Chateaubriand, em outubro de 1957, integra o Grupo Associados no Estado. Passou por recente reforma gráfico-editorial. Contem três cadernos nos quais se inserem as editorias Política/ Geral/ Internacional, Cotidiano/ Esportes e Cultura/ Tevê. Além disso, produz suplementos em parceria com o jornal O Norte, sediado na capital, do mesmo grupo. Tem versão on-line.

Jornal da Paraíba (JP): integra o Sistema Paraíba de Comunicação, juntamente com a TV Paraíba, filiada da Rede Globo, e a rádio Campina FM (Rede Paraíba SAT), maior jornal em circulação no Estado. Fundado em setembro de 1971, é o mais jovem dos jornais avaliados e trabalha com cinco editorias (Política, Esportes, Vida e Arte, Cidades/ Geral, Tevê/ Concursos), produz suplementos. Tem versão on-line e sede na capital. Recentemente passou por reformulações gráficas.

O jornal *A União* costuma alternar seus cadernos de acordo com o número de notícias sobre determinado assunto durante o mês, mantendo fixas, ao longo do período estudado, apenas as editorias: Nego, Cultura, Paraíba, Campina Grande, Opinião, Geral, Entrevista e Social.

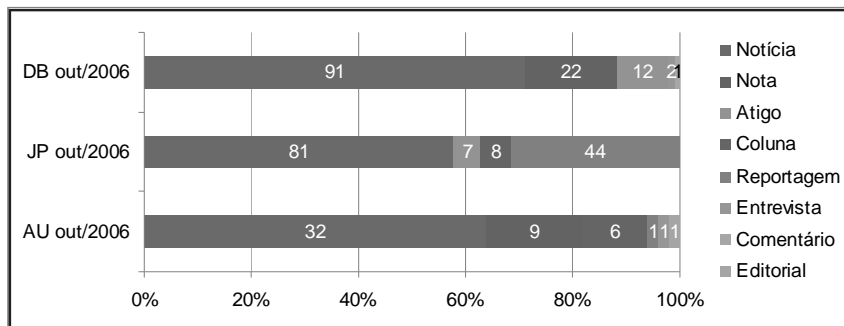
De forma geral, o referido jornal privilegia o gênero informativo, com baixa utilização de fotos, seguido pelas notas. Foi o único jornal no qual se identificou editoriais sobre temas relativos à ciência, tecnologia ou meio ambiente: 1 no exemplar dos dias 21 e 22 de outubro de 2006; o editorial comentou os prêmios Nobel de Medicina e de Química, ambos com pesquisas sobre biologia molecular, mais precisamente sobre o RNA. O número de notícias foi superior ao de notas. E estas aos outros gêneros.

No *Diário da Borborema*, há o privilégio do gênero informativo, com a predominância de notícias, seguido de notas. Não identificamos a presença de colunas, mas o jornal apresentou entrevistas. E também foram utilizados “comentários” de colunistas a cerca de temas já abordados noutras unidades noticiosas.

Sobre a análise empreendida no *DB*, é interessante apontar destaque para participação de professores e pesquisadores divulgando seus trabalhos, inclusive com relatos de experiência.

O *Jornal da Paraíba* segue o mesmo comportamento, com a particularidade de não utilizar notas. A presença de artigos e colunas ocorre em número semelhante, com maior incidência de colunas. Apenas o *Jornal da Paraíba* e o *Diário da Borborema* apresentam artigos; quanto à presença de reportagens, manifestam-se no *JP* e em *AU*, referência ao ano de 2006.

Gráfico 1 – Gêneros empregados

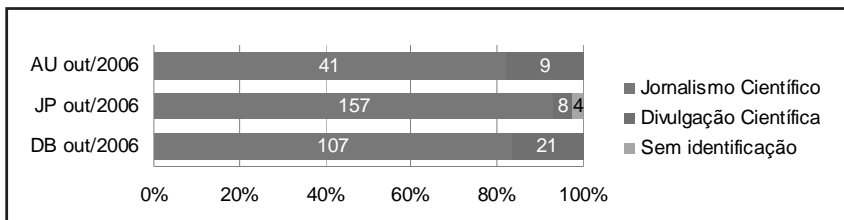


O jornal *A União* tem maior diversidade de gêneros utilizados. Com exceção dos artigos e comentário, todos os outros tipos (editorial, entrevista, notícia, reportagem, coluna, notas) estão presentes.

A menor variação é encontrada no *Jornal da Paraíba*: notícia, coluna, artigos e reportagem. Contudo, há um bom aproveitamento da reportagem, material que não é a categoria mais utilizada em jornais diários e que costuma ter textos mais trabalhados.

Sobre o item Autoria das Unidades Noticiosas identificamos comportamento comum entre os jornais com relação à superioridade da categoria jornalismo científico em detrimento da divulgação científica, que costumam aparecer sob a forma de artigo de opinião ou através de colunas fixas nos veículos (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Autoria das Unidades Noticiosas



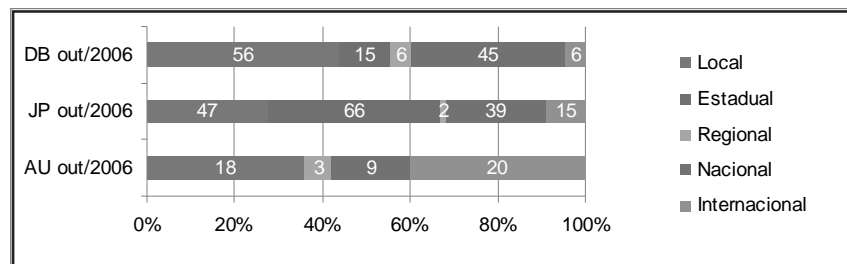
No *Jornal da Paraíba*, o quadro se preserva. no entanto, foram contabilizadas quatro unidades noticiosas classificadas como “sem identificação” em virtude de uma coluna de saúde que é assinada por um autor não caracterizado por nós como cientista, jornalista ou representante de empresa, indústria ou governos.

Diário da Borborema e *A União* dispõem mais espaço a divulgação científica – 21 e 9, respectivamente – do que o *Jornal da Paraíba*, com apenas 1 UN

de autoria de um experto. No primeiro, o lugar da divulgação é principalmente a página de opinião, na área intitulada “Espaço do Leitor”. Contudo, a participação de especialistas na produção de “matérias jornalísticas”, foi aceita, com a publicação de páginas completas de textos de divulgação científica.

A *União* garante o espaço da divulgação científica em colunas semanais distribuídas entre cientistas e assessorias de comunicação de Centro de Pesquisa/ Universidade do Estado.

Gráfico 3 – Foco das Unidades Noticiosas

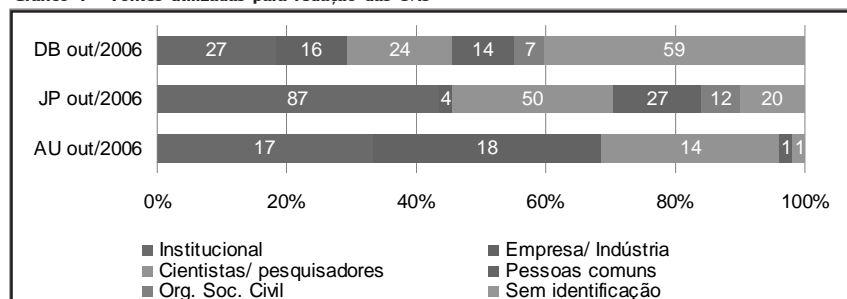


Com relação ao foco das UNs, há divergência no comportamento dos jornais. No *DB*, o maior número de UNs faz referência a fatos locais. O *JP* privilegiou o nível estadual, ao passo em que *A União* divulgou mais matérias internacionais.

No próximo quadro de análise, referente às fontes utilizadas nas matérias, os números somados superam o total de UNs em virtude de algumas delas conterem mais de uma fonte. De forma geral, poucas matérias consultam mais de uma, sendo Instituições e empresas as mais recorrentes.

O *Jornal da Paraíba* e o *Diário da Borborema* buscaram principalmente instituições e cientistas, enquanto *A União* recorreu principalmente às empresas e indústrias, seguidas das instituições.

Gráfico 4 – Fontes utilizadas para redação das UNs



Quanto à disposição das unidades noticiosas nos jornais, em nenhum dos jornais há editoria específica para Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Tais temas se distribuem por todas as editorias, mas em geral as de Cidade, Cotidiano, Geral e Opinião se destacam.

Tabela 1 - Onde está a ciência nos jornais paraibanos: localização física das UNs

	A União	Jornal da Paraíba	Diário da Borborema
Opinião	10	-	28
Campina Grande	3	-	-
Cultura	2	-	7
Paraíba	1	-	-
Cad. Esp. - Aniv. CG	-	4	4
Nego	1	-	-
Geral	8	26	8
Coluna Social	1	4	6
Últimas	1	-	3
Economia	-	1	-
Cidade	-	108	-
Chamada na Capa	2	-	7
Panorâmica + positiva	23	-	-
Cotidiano	-	-	46
Sup. Ed. & Inf.	-	-	19
Sup. Tur. & Vei.	-	-	2
Sup. Tra. & Oport.	-	-	3
Especial Regional	-	2	-
Vida/Geral	-	4	-
Concursos	-	1	-
Vida & etc.	-	6	-
Justiça	-	2	-
Vida e arte	-	1	-
Política	-	1	2
Total	50	169	128

O *Diário da Borborema* publica semanalmente, aos domingos, o suplemento "Educação e Informática", responsável por um pequeno número do total de UNs encontradas nele.

Apesar de certa "desatenção" neste sentido, dois jornais trouxeram cha-

madras de capa para ciência e tecnologia. O *JP* apresentou 12, e 7 foram veiculadas no *DB*, uma delas manchete de edição, enquanto que *A União* teve duas. Em sua maioria, as chamadas de capa do *Diário* são veiculadas no caderno Cotidiano – equivalente a *Cidades no JP*. Em *A União* as unidades noticiosas são veiculadas principalmente na seção “Panorâmica + positiva”. No caso do *JP* elas figuram no caderno de cidades.

Tabela 2 – Mapa Temático

	A União	Jornal da Paraíba	Diário da Borborema
Saúde	10	59	16
Política de C&T	9	8	18
Meio Ambiente	1	15	22
Divulgação de eventos	7	56	33
Lançamentos de livros	-	-	-
Relato de experiência	-	-	-
Geologia	1		2
Tecnologia e Comércio	5	7	6
Genética	4	2	-
Prêmio	-	-	-
Tecnologia da Informação	6	4	11
Veterinária	-	-	-
Agricultura	-	-	-
Apicultura	-	-	-
Ciências Humanas	3	15	13
Biotecnologia			-
Agronomia	2	-	-
Astronomia	1	-	2
Relato de Experiência	-	-	2
Física/ Química	-	-	1
Estatística	-	3	2
Informática	-	-	-
Biologia	-	-	-
Arqueologia	1	-	-
Total	50	169	128

As notícias sobre informática, sociologia e turismo foram encontradas nos suplementos, produzidos em parceria com o jornal *O Norte*, são eles “Educa-

ção e Informática”, “Trabalho & Oportunidades” e “Turismo e Veículos”.

Os suplementos que aparecem no *Diário da Borborema* costumam veicular notícias de agência. Foram encontradas notas nas colunas sociais dos três veículos, divulgando eventos científicos.

No *AU*, a maior atenção é dada à Saúde, seguida de Política de C&T e Divulgação de Eventos. O *DB* deu mais atenção à Divulgação de eventos, e Meio Ambiente é o segundo assunto mais divulgado no *DB*. No *JP*, Saúde e Divulgação de eventos se destacam.

DISCUSSÃO

O público leigo entende que a ciência tem benefícios e malefícios e desejam participar das decisões. O problema é que não a compreendem. Entretanto, os resultados apontam numa perspectiva que tende a perpetuar esta realidade. Identificamos quatro tendências/ grupos gerais nos jornais, no que tange as suas visões de ciência: Ufanismo, Panacéia e Mitologia dos Resultados.

Ufanismo: tendência na qual a ciência é vista como aventura “mágica ou cinematográfica”. Esta visão é apontada por Tena (2003, tradução nossa), que sugere a existência de uma ciência do dia-a-dia, que passa despercebida, e outra heróica e aventureira que se preocupa com a cor do universo a existência de outros mundos, etc. Para ele, “entramos no mundo fantástico, quase cinematográfico, do inexplicável, entramos na fascinação dos limites do conhecimento”.

Encontramos um exemplo no *Diário da Borborema* do domingo, dia 22 de outubro, no suplemente Trabalho e Oportunidades. A matéria tem como chapéu “Geólogo” e o título: “A aventura é constante”. Reproduzimos o lead: “Embrenhar-se no interior do Brasil em busca de um solo rico em minerais, ou viável para produção de petróleo tem algo das aventuras de Indiana Jones, o famoso personagem dos filmes. Mas é a atividade do Geólogo, que vai ter de acampar em lugares distantes, conhecer populações diferentes e lidar com a solidão da vida de pesquisador”.

Esse trecho revela entre coisas um problema com a formação do profissional, popularizando uma imagem do cientista como ser excêntrico, solitário, preocupado apenas com o progresso da ciência e o bem-estar da população e o desenvolvimento do país, desvirtuando o trabalho do pesquisador.

Panacéia: apresenta a ciência como cura da humanidade. De acordo com Santos (2007) “a supervalorização da ciência gerou o mito da salvação da

humanidade, ao considerar que todos os problemas humanos podem ser resolvidos cientificamente". Para o autor, tal associação surgiu da ligação do cientificismo com a lógica de mercado, de forma que a sociedade passou a relacionar progresso tecnológico ao progresso econômico, que por sua vez proporcionaria o progresso social.

Em 4 de outubro de 2006, encontramos no jornal *A União* a seguinte reportagem: "A laranjinha que combate o câncer" o seu subtítulo diz o seguinte: "Cientistas japoneses concluem que substância encontrada na fruta também combate doenças cardíacas e diabetes".

O desenvolvimento do texto mostra conteúdo publicitário sobre uma cidade do interior paraibano que tem grande produção de laranjas como principal foco, evidenciado inclusive no lead. Não explica as propriedades da laranja que implicam nesta descoberta e nas poucas referências a pesquisa, explica que os estudos realizados apontam que a tangerina "pode" reduzir o risco de contrair câncer de fígado.

Há um desencontro entre o conteúdo e o título, além da demonstração de com que comprometimento o jornalista executa seu trabalho. O leitor que costumeiramente lê apenas os títulos e subtítulos das matérias iniciaria uma nova prática de "automedicação natural", no mínimo.

Mitologia dos resultados: a mídia resume a ciência aos seus resultados. O estudo de Cascais (2003, p. 3) caracteriza esta tendência como:

Representar a atividade científica pelos seus produtos; subsumir os processos científicos à consecução finalista e cumulativa dos seus resultados e isolar exclusivamente como resultados aqueles que são avaliados a *posteriori* como êxitos de aplicação.

O autor acredita que tais atitudes implicam em desconsiderar a ciência como processo, o papel do erro produtivo e relacionar os fins aos resultados, de forma que no encerramento das atividades as descobertas desinteressantes são excluídas.

Desconsiderando processos, intenções, conseqüências, etc. a notícia "Sistema criado no Brasil ganha um prêmio mundial" revela as características deste modelo. Esta unidade noticiosa foi encontrada na página A6 do caderno Geral, de 26 de outubro do jornal *Diário da Borborema*. *Divulga* o fato de o projeto brasileiro que foi industrializado pela Ecovec ter sido contemplado com o prêmio mundial de tecnologia em saúde Tech Museum Award. Não descreve processos, metodologia ou funcionamento. Usa o pesquisador para

explicar superficialmente a idéia e “agredir” o projeto do Ministério da Saúde.

Reiteramos os questionamos sobre os aspectos humanos e sociais da ciência. Em que medida o pesquisador está compromissado com a empresa que industrializou sua descoberta, ao ponto de ele criticar um modelo já implantado pelo MS. Quem financiou este trabalho? Há de se pensar em superar esta prática, de acordo com a postura crítica do jornalista sugerida por Castelfranchi (2007).

Outro exemplo, no mesmo jornal, é a seqüência de notas: Impotência I, II e III, veiculadas no dia 29 de outubro. Divulga pesquisa publicada no *The Journal of Sexual Medicine* indicando que passar muito tempo por semana na bicicleta pode favorecer a impotência masculina.

Em primeiro, o categoria de nota não dá conta da dimensão do fato veiculado. Em segundo lugar, qual o comprometimento das fontes? Em terceiro lugar, questões relativas à aplicabilidade da informação, todos os homens são propensos? Tal qual está descrita, ela dá a impressão de efeito imediato para o malefício. O que acontece com os benefícios do exercício físico relacionado à bicicleta?

Não podemos deixar de ressaltar o reconhecimento da ciência como pauta e os temas são diversificados, mesmo que desproporcionalmente contemplados.

Com relação à excessiva cobertura de eventos científicos nos veículos, há de se considerar o trabalho das assessorias, tendo em vista que grande parte delas são notas, ou notícias curtas, o que revela o desinteresse pela investigação sobre o tema, que também não é contextualizado, com relação à importância, objetivos, etc.

O número de UNs com foco em atividades locais e estaduais não dedicam sua atenção às pesquisas das diversas instituições que temos no estado. Permanecem na factualidade dos eventos, a partir do fenômeno “*release mania*”.

Foi percebido em nosso estudo que embora a presença de artigos no DB revele a participação de pesquisadores no jornal eles comumente têm o mesmo autor, destacando um mesmo assunto; enquanto em *A União* a uma participação mais variada de cientistas de diversas áreas, como Meio Ambiente, Música e Tecnologia da Informação. No primeiro jornal esta participação se resume a “História”.

É importante pensar em como a mídia tem vinculado o desenvolvimento da C&T com o seu valor econômico, em virtude inicialmente e principalmente das fontes empresas e indústrias. Em segundo, a divulgação de alguns eventos de tecnologia de caráter principalmente comercial.

CONCLUSÕES

Acreditamos que a realização da Semana de C&T não influenciou a dinâmica de produção de pautas relacionadas a Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia. Um pequeno número de notícias e notas menciona que a atividade divulgada integra o evento nacional. No entanto, a maioria das unidades noticiosas não faz esta ligação.

Por outro lado, existe interesse em divulgar meio ambiente, ciência e tecnologia em Campina Grande/ Paraíba visto que o número de unidades noticiosas encontradas foi considerado alto. Comparado ao universo de outras pesquisas e dada a relação com o recorte estudado, obteve-se uma média de 11,19 UNs por dia.

Nossa pesquisa identificou que além dos problemas conceituais, reducionistas, de pouca humanização, etc., existe a falta de preparação dos jornalistas, que seguem fazendo seu trabalho com visões de ciência cristalizadas no imaginário social. Visões às vezes preconceituosas ou caricaturizadas, na forma de “curiosidades” ou “você sabia?”, que acabam por perpetrar a desinformação científica.

Nenhum dos jornais locais tem caderno/editoria de Ciência e Tecnologia fixa. Por isso, as notícias foram localizadas em diversas editorias, tais como Cultura, Geral e Cidades, o que poderia evidenciar desinteresse dos jornais com relação à C&T é entendida aqui como o reconhecimento de que a ciência e a tecnologia têm relações com diversos aspectos da vida humana.

Embora Campina Grande comportar sete universidades, uma unidade da Embrapa, Fundação de Amparo a Pesquisa da Paraíba, e a Fundação Parque Tecnológico da Paraíba, pouco é divulgado sobre as pesquisas locais, o número de UNs nesse sentido, refere-se principalmente aos eventos realizados pelas instituições.

A mídia se comporta e/ou distribui suas unidades noticiosas seguindo três modelos comportamentais gerais, sendo eles: panacéia, mitologia dos resultados e ufanismo. Nos quais se encaixam temas comumente discutidos pela grande mídia nacional, tais como saúde, eventos e meio ambiente.

O jornalismo científico predomina nas redações, e isso exige, conforme já apontado, a melhor formação deste profissional. Afinal, o JC pressupõe também a democratização do conhecimento e não podemos escrever sobre o que não conhecemos da forma como se vem fazendo.

Há desafios a serem superados, tais como a freqüente presença de notas que, na nossa compreensão, cumprem seu papel informativo, mas deixam a desejar no que tange a busca e missão do jornalismo científico por promover uma compreensão pública da ciência e a formação do público (PINEDA, 2003).

REFERÊNCIAS

CALDAS, G. Política de C&T, mídia e sociedade. *Comunicação & Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, n. 30, p. 185-207, 1988.*

CASCAIS, A. F. Divulgação científica: a mitologia dos resultados. In: SOUSA, C. M.; MARQUES, N. P.; SILVEIRA, T. S. (Org.) **A comunicação pública da ciência.** Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003. p. 65-77.

CASTELFRANCHI, Y. **Para além da tradução:** o Jornalismo Científico crítico na teoria e na prática. Jornadas Iberoamericanas sobre la ciencia en los medios masivos (30 jul. a 3 ago.2007, Santa Cruz de la Sierra, Bolivia). Los desafíos y la evaluación del periodismo científico en Iberoamérica / Luisa Massarani y Carmelo Polino. – Santa Cruz de la Sierra (Bolivia): AECL, RICYT, CYTED, SciDevNet, OEA, 2008. 128p.

FARES, D. C.; NAVAS, A.M.; MARANDINO, M. **Qual a participação? Um enfoque CTS sobre os modelos de comunicação pública da ciência nos museus de ciência e tecnologia.** X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe (RED POP, UNESCO) y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad” San José, Costa Rica, 9 a 11 maio 2007.

MEDEIROS, R. P. **Ciência e imprensa:** a fusão a frio em jornais brasileiros. 1996. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 1996.

MONTEIRO, M. G. M. F. O cientista, a imprensa e a comunicação pública da ciência. **Unirevista**, v. 1, n. 3, jul. 2006.

PINEDA, E. B. A. Ciência y Público. **Sala de Lectura CTS+I.** Disponível em: <<http://www.campus-oei.org/salactsi/elsa5.htm>>. Acesso em: 09 out. 2007.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Edições Afrontamento, 1988.

SANTOS, W. L. P. Contextualização no ensino de ciências por meio de temas CTS em uma perspectiva crítica. **Ciência & Ensino**, v. 1, número especial, novembro de 2007.

TENA, J. La ciencia desapercibida. **Revista CTS**, v. 1, n. 1, p. 189-196, set. 2003.

VESSURI, H. Ciencia, tecnología y desarrollo: una experiencia de apropiación social del conocimiento. **Interciência**, Caracas, v. 27, n. 2, p.88-92, fev. 2002.